

Os processos folkcomunicacionais para adiar o fim do mundo.¹

Cristina Schmidt²

FABE/SP – GREC/UFBA

RESUMO

No livro “Ideias para adiar o fim do mundo”, Ailton Krenak faz muitos questionamentos sobre a humanidade no decorrer da história. Durante milênios os povos foram sendo arrancados de seus territórios a fim de que ficassem desconectados da “memória profunda da terra”, forçados aos modos de ser e viver de uma humanidade pautada pela materialidade. Objetivamos refletir de que modo os grupos marginalizados/originários podem conhecer suas subjetividades e contribuir com sua autonomia tornando-se protagonistas. Por meio de uma pesquisa exploratória descritiva, recorreremos a um levantamento bibliográfico para fundamentação com os autores Krenak, Freire e Beltrão. Assim, pudemos concluir que é possível adiar o fim do mundo por meio dos processos de folkcomunicação e de uma pedagogia da autonomia, trazendo ao protagonismo todos aqueles povos que foram forçados a “subviver”.

PALAVRAS-CHAVE: Folkcomunicação; Pedagogia da Autonomia; Humanidade; Povos Originários.

INTRODUÇÃO

No livro de “Ideias para adiar o fim do mundo” cujo tema está na constituição da humanidade, Ailton Krenak traz muitos questionamentos sobre os caminhos trilhados pela humanidade no decorrer da história. Esta engendrou uma configuração em que havia uma “humanidade esclarecida que precisava ir ao encontro de uma sociedade obscurecida, trazendo-a para a luz da civilização” (2020, p.11). Esse artifício é forjado com muitas violências e expropriações, negações e sujeitamentos, muita opressão de corpos e almas. Uma humanidade pautada pela materialidade, pela técnica em detrimento da experiência de vida, uma instituição conformadora em prejuízo da

¹ Trabalho apresentado no GP Folkcomunicação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Cristina Schmidt fez estágio pós-doutoral na Cátedra UNESCO/Umesp de Comunicação para o desenvolvimento regional. Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP, mestre em Comunicação e jornalista pela Metodista-SP. Professora na Faculdade Bertiooga - SP. É membro do Grupo de Pesquisa em Cibermuseus - GREC – PPGMuseu/UFBA. Diretora Regional Sudeste Rede Folkcom. E-mail: cris_schmidt@uol.com.br.

liberdade, da servidão ao mercado e ao individualismo em falência da criatividade e essência comunitária.

Durante milênios os povos foram sendo arrancados de seus territórios a fim de que ficassem desconectados da “memória profunda da terra”, em lugar disso foram forçados aos modos de ser e viver da civilização hegemônica. Atualmente, mesmo com os mais avançados recursos técnicos e econômicos, ainda persiste a mesma submissão e a ameaça do fim do mundo, fim da humanidade como ela está dada. Uma ameaça que imobiliza pelo medo da queda de uma sociedade que nos constitui, como já ocorreu em vários momentos da história, como se “o céu estivesse ficando mais baixo, caindo” (KRENAC, 2020, p.28).

Nesses meandros, como os grupos marginalizados ou sub-humanidades resistem e suspendem o céu? Krenak traz uma série de apontamentos para avaliarmos o conceito e as práticas da “humanidade”, que para ele está cada vez mais ligada à subserviência, à mercadoria e à exaustão da vida, provocados por uma sociedade desconectada da natureza, da ancestralidade, do sonho como experiência transformadora da realidade. Para ele vivemos um período que podemos considerar como antropoceno, exaurindo as fontes de vida do planeta, constituindo uma humanidade que exclui todas as outras que não estão integradas ao mundo da mercadoria. Essa humanidade leva a um processo de rompimento com os povos originários e com a memória da terra, levando à queda do céu, ao estreitamento social, e ao fim do mundo.

OBJETIVO

Refletir sobre como os grupos marginalizados/originários podem conhecer suas subjetividades, buscar “a memória profunda da terra”, e contribuir com sua autonomia tornando-se protagonistas.

METODOLOGIA

Por meio de uma pesquisa exploratória descritiva, recorreremos a um levantamento bibliográfico, mais especificamente aos livros e autores: “Ideias para adiar o fim do mundo” de Ailton Krenac, “Comunicação e Folclore” de Luiz Beltrão, e “Pedagogia do Oprimido” de Paulo Freire. Em seguida, ampliamos para outras publicações relevantes desses mesmos autores, e buscamos apoio em artigos de pesquisadores do campo da Folkcomunicação como Holfeldt, Schmidt e Trigueiro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Beltrão (1971) apresenta mecanismos folkcomunicacionais de uma sub-humanidade por natureza marginalizada, onde os meios e mensagens são desenvolvidos em uma relação interpessoal entre emissor-receptor desses grupos para sua própria comunicação e transmissão de saberes e fazeres ancestrais. Para ele, os processos folkcomunicacionais têm em suas expressões as narrativas culturais, da história e das vivências de um mundo, surgindo ali a necessidade de se colocar no mundo/na humanidade.

Conforme Paulo Freire (1982a) uma prática da liberdade nesse contexto só é possível com uma pedagogia em que o oprimido tenha condições de, reflexivamente, “descobrir-se e conquistar-se como sujeito de sua própria destinação histórica”. Ele ainda enfatiza a importância das relações e formações culturais, ressaltando a cultura como um prolongamento da história aonde os sujeitos, alinhados com seus modos de vida, constituem suas histórias e suas humanidades. (FREIRE, 1982a, p.32)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio de processos folkcomunicacionais esses grupos sub-humanizados podem expressar seus saberes de modo a garantir um diálogo horizontal, com meios próprios e potencializadores de sua cultura. Um momento de ampliação do processo de folkcomunicação para as complexidades culturais em práticas que levam a ações expandidas de formação, de memória da terra, e de autonomia.

Paulo Freire (1982a) adverte-nos para o saber-fazer da autorreflexão crítica e o saber ser das sabedorias exercitadas permanentemente, fundamental para uma leitura crítica das causas efetivas da degradação humana e para uma interpretação fundamentada de todos os interesses e propósitos da humanidade.

Com isso, podemos concluir com Krenak que é possível adiar o fim do mundo por meio dos processos de folkcomunicação e de uma pedagogia da autonomia, trazendo ao protagonismo todos aqueles povos que foram forçados a “subviver”. Pois, justamente esses povos marginalizados que “se mostram inesperadamente como imagem de nosso próprio futuro” (2020, p.81).

REFERÊNCIAS

BELTRÃO, Luiz. **Comunicação e folclore**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e de expressão de idéias. São Paulo: Melhoramentos, 1971.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1982a.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação**. Rio de Janeiro/RJ: Paz e Terra, 1982b.

SCHMIDT, Cristina (ORG.). **Folkcomunicação na Arena Global**: avanços teóricos e metodológicos. São Paulo: Ductor, 2006.

TRIGUEIRO, Osvaldo. **Folkcomunicação e ativismo midiático**. João Pessoa/PB: Editora Universitária da UFPB, 2008.